

DACOSTA, Fernando. *O Botequim da Liberdade*. Como Natália Correia marcou, a partir de um pequeno bar de Lisboa, o século XX português. Alfragide: Casa das Letras, 2013.

Jorge Valentim (UFSCar/CAPES/UP)

À primeira vista, o leitor desavisado acreditará que o recente título publicado de Fernando Dacosta, *O Botequim da Liberdade* (2013), constitui mais uma biografia sobre uma das figuras mais paradigmáticas da literatura, da política e da cultura portuguesas do século XX. Ledo e salutar engano. O texto, sob a chancela da Casa das Letras, constitui um dos relatos mais justos e bem acabados sobre a ensaísta, poeta, ficcionista, dramaturga e intelectual portuguesa, Natália Correia. Autora premiada e reconhecida na vida artística e cultural, amada e odiada nas mesmas proporções, entusiasta dos movimentos libertários e reivindicadores dos direitos humanos, figura de uma sensibilidade e inteligência invulgares, a Grande Dama das Belas Letras deixou a cena em 1993. Completados 20 anos de sua morte, Fernando Dacosta cria uma narrativa intimista, por vezes com toques líricos, mas sem afetações, munido de um olhar atento, meticuloso e extremamente cuidadoso na recolha, seleção e costura dos

eventos e das situações singulares em torno da escritora.

Mas o que confere uma salutar frustração neste texto – como em outros do autor – é exatamente a capacidade que tem de ensaiar uma espécie de revisitação de gêneros em voga – biografia, relatos de retornados e perfis jornalísticos – e, ao longo da consecução textual, remodelar e imprimir, a seu gosto, as linhas e o perfil do seu *modus operandi*. Tal forma singularíssima pode ser encontrada em *O Botequim da Liberdade*, quando, logo no pórtico da obra, Dacosta anuncia que o seu objeto “biográfico” (na falta de um termo que melhor se ajuste, ficamos com este, pelo menos, por enquanto) centrar-se-á na figura de Natália Correia e na maneira como ela conseguiu marcar toda uma época, a partir do seu local preferido de encontro (e de trabalho): o *Botequim*, de Lisboa. Ou seja, já de início, o leitor é alertado de que a obra em questão não se enquadra em modelos típicos do gênero, posto que, num gesto de recuperação simbiótica, Fernando Dacosta une a protagonista ao seu local de pertença, como se um não pudesse existir sem o outro. E, talvez, assim realmente tivesse sido. Por isso, acredito que a expressão “biografia” pouco se adéqua ao presente trabalho. Também chamá-lo de ficção não angariaria melhor sucesso. Isto porque há, sim, muitos dados e informações sobre o ciclo

de amigos de Natália Correia, o convívio com artistas e escritores e, sobretudo, as suas implicâncias e simpatias mais caras, os seus hábitos, a sua maneira de lidar com o mundo, com as pessoas e com as áreas mais diretas da vida portuguesa (a política, sobretudo), além de uma série de outros aspectos que este espaço de re- censão não comportaria. No entanto, não se pode negar que, neste conjunto de dados, há muito da costura intimista e subjetiva, com intromissões e digressões, tão característica da escrita singular de Fernando Dacosta. Assim, o leitor depara-se com uma Natália Correia provocativa e, ao mesmo tempo, generosa com seus amigos escritores, como ocorre em “Ternura provocatória” (p. 236), onde aparecem os seus beliscões a José Cardoso Pires; ou, ainda, com uma mulher furiosa, “indomável e magnífica” (p. 275), diz Dacosta, que não aceita o desrespeito dos mais jovens ou daqueles despreocupados com a manutenção de uma memória cultural viva, como em “Marabunta vaginal” (p. 274-275), talvez um dos episódios mais deliciosos sobre a escritora, onde esta reage de forma contundente diante da deselegância e da falta de educação de jornalistas despreparados para ouvi-la.

Natália Correia nunca fugiu a um debate, ainda mais quando o tema era polémico e ligado a tabus e códigos repressores. Há, pelo menos, três momentos pontuais desta sua atitude despojada, recuperadas pelo veio narrativo de Fernando Dacosta. O primeiro encontra-se em “Novas famílias”, onde Natália Correia defende veementemente a diversidade sexual e a androginia. Esperava ela que, um dia, o privado deixaria de sofrer

interferências externas porque cada um iria gerir o seu em liberdade. Comparado com os dias atuais, na descrição precisa que faz Dacosta, o gesto de Natália Correia em abordar a homossexualidade no cenário pós-1974 não deixa de ser profético e *avant la lettre*: “Natália Correia provoca sensação ao falar num colóquio sobre homossexualidade. É a primeira vez, a seguir ao 25 de Abril, que o tema se aborda publicamente entre nós. As correntes mais jovens e libertárias (anarquistas e independentes) esgotam o espaço, duas salas, um *hall* e uma escadaria, do Centro Nacional de Cultura” (p. 55). O segundo pode ser lido em “Deus era mulher”, onde o narrador relembra a amizade da ensaísta com Moisés Espírito Santo, professor da Universidade Nova de Lisboa, com quem lançaria, em contra- posição frontal à ortodoxia de certas feministas, “um movimento em defesa do homem” (p.181). Se é certo que esse movimento não vingou os seguidores que planejavam, os dois formavam uma dupla que rasgava “normas religiosas, culturais, comportamentais instituídas, atraindo seguidores que se multiplicam por colóquios, entrevistas, debates, escritos” (p. 181). E o terceiro é narrado em “Quarto mundo” (p. 224-225), onde, de maneira sibilina – a exemplo de tantas personagens suas – Natália Correia apontava para uma Europa ressentida pelas forças da senilidade, do desemprego e da migração: “A união delas constituirá o maior fenómeno sociológico, cultural, político, económico do século XXI” (p. 224).

Num gesto de homenagem, portanto, à figura da escritora, falecida há 20

anos, Fernando Dacosta oferece um retrato singular entre a visão jornalística e a paixão ficcionalizante, colocando-se, em alguns momentos, também como um leitor, no sentido ensaístico do termo, da obra de sua protagonista. Neste sentido, em “Reabilitação de Herodes” (p. 227-228), não hesita em considerar *Uma estátua para Herodes*, texto tantas vezes filiado ao gênero ensaio, como uma “peça escrita por Natália de ‘reabilitação’ do exterminador de bebês bíblicos – uma *orgia dramaturgica* jamais representada” (p. 227; grifos meus). No fundo, não deixa de ter certa razão, se levarmos em conta a revisitação da personagem do Imperador operada por Natália, em forma de aforismos, na última parte desta obra de 1974. E, ainda, ao recuperar o conhecido episódio do “poema de escárnio que redigiu ao deputado Morgado” (p. 310), na sua passagem pela vida política do país, em “Intervenções parlamentares” (p. 310-311), Fernando Dacosta afirma categoricamente, e com justeza: “Estes versos (...) pertencem há muito ao historial do nosso Parlamento – e da nossa melhor poesia satírica” (p. 311). Sabe o escritor, e fala com propriedade de profundo conhecedor do seu objeto de narrativa e análise, que a sua biografada era uma leitora voraz da tradição dos trovadores galego-portugueses, bem como dos poetas eróticos e satíricos, tendo composto sobre estes a famosa *Antologia da poesia portuguesa erótica e satírica* (1966).

Ora, vale sublinhar, aqui, que a ficção não é um território desconhecido desse jornalista. A sua capacidade de narrar uma história longa ou curta já foi provada nos romances *O viúvo* (1988) e *Os*

*infieis* (1992), além dos contos impressos nas coletâneas *Imaginários portugueses* (1992) e *Os sete pecados capitais* (1998). No entanto, o rigor com que investiga e informa as situações cotidianas de Natália Correia, a maneira cuidadosa com que opina sobre os gestos e as falas de sua “biografada” e o olhar investigativo do jornalista que busca fundamentação nas suas considerações sobre o espaço social “biografado” também aqui se encontram, seduzindo o leitor numa aventura impossível de ser abandonada. Como bem reitera o narrador, não há como separá-los: “O suceder dos acontecimentos após o 25 de Abril depressa tornou o Botequim uma referência na luta (civil) pela democracia. Natália, que a liderava entre os escritores, tornou-se centro de atenções especiais por parte dos capitães contrários à esquerdização em curso” (p. 83).

A exemplo do que fizera em *Máscaras de Salazar* (1997) e *Os mal-amados* (2008 – reedição de *Nascidos no Estado Novo*, 2001), em *O Botequim da Liberdade*, não há uma preocupação excessivamente diacrônica, datada e sequencial em trazer à luz os momentos significativos da vida de Natália Correia, passada ao longo do *Botequim*. Há, sim, já na sua estrutura, uma amostra desta simbiose entre a mulher e o seu espaço de pertença. Dividida em 5 partes, a narrativa de Fernando Dacosta parece sugerir, sob o signo do astro noturno, o momento alto de vida do *Botequim* (com suas reuniões noturnas), bem como do lado inegavelmente místico que Natália Correia sempre fez questão de alimentar e manter (“A noite: a noite era a glória do dia para Natália Correia”, p. 280). Daí, a bem acabada

distribuição em “Lua quente”, “Lua crescente”, “Lua nova”, “Lua cheia”, “Lua minguante” e “Lua nova”. Trata-se, na verdade, de um ciclo marcado pelo rito de iniciação e pelo desfecho aberto, possibilitando um recomeço, tão caros àquela “feiticeira Cotovia”, como certa vez Manuel Alegre a chamou. Nada mais significativo para pintar um retrato da autora de *A madona*, já que, no lugar da imagem desfalecida pela doença ou da máscara mortuária, prefere Fernando Dacosta deixar viva a imagem de Natália Correia – já anunciada na capa de Margarida Rolo, com a foto exuberante da escritora – a partir do seu local de encontro (o *Botequim*), das suas múltiplas falas e dos seus gestos, descritos, ora com a fide-

dignidade precisa do olhar do jornalista, ora com a sensibilidade da memória afetiva do ficcionista. Se na última cena, “O Botequim da Felicidade”, o narrador revela autorreferencialmente a indicação do título de sua obra (*O Botequim da Liberdade*), é nas primeiras páginas, não gratuitamente antes de “Tocada pelo sagrado” (p. 21-22), que Fernando Dacosta parece deixar uma pista de sua narrativa, numa homenagem singela sobre a autora. Afinal, “Com Natália Correia nem sempre havia fronteiras entre ficção e realidade” (p. 20). Saúdo, portanto, este *Botequim*, autêntica celebração da Escrita, da *Liberdade* e da Vida. De Natália, de Fernando e nossa também.